

JULIANA SOARES BRASIL DE ANDRADE

BERÇÁRIO E ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL VILA. SEDE ALDEOTA

ORIENTADOR: RICARDO FIGUEIREDO BEZERRA
FORTALEZA – CEARÁ
2010

JULIANA SOARES BRASIL DE ANDRADE

BERÇÁRIO E ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL VILA. SEDE ALDEOTA

COMISSÃO EXAMINADORA:

Fortaleza (CE), ____ de setembro de 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me dar uma vida cheia de sorte e um destino tão bom.

Agradeço aos meus pais, Marcos e Helena, por me conduzirem e acreditarem em mim, e por todas as oportunidades que me proporcionaram. Vocês foram os maiores responsáveis pela minha formação acadêmica e pessoal. Carinhosamente, agradeço ao meu pai, por me ouvir e confortar nos momentos mais difíceis.

Aos meus irmãos, Paulo e Marcos Júnior, por caminharem juntos na minha jornada.

Ao meu namorado, Gabriel, por suas ótimas idéias complementares, por sua companhia nas visitas ao terreno e à Escola VILA, e por sua paciência, me ajudando sempre.

Ao meu professor e orientador, Ricardo Bezerra, que dedicou tempo e compartilhou comigo sua sabedoria, que levarei para a vida inteira.

Aos professores Francisco Hissa, Paulo Cunha e Marcondes Araújo, que participaram diretamente da conclusão deste trabalho, também me dedicando conhecimentos e sabedoria.

A todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, que participaram do meu desenvolvimento e contribuíram para minha formação.

Às minhas amadas amigas, Luciana e Rebeka, obrigada por acreditarem em mim, pela força e pelo incentivo.

Aos funcionários da UFC, que nos tratam de forma tão acolhedora, especialmente à Mara e ao Eduardo, que são sempre muito gentis e prestativos.

Enfim, a todos que participaram da minha formação, direta ou indiretamente, MUITO OBRIGADA!

RESUMO

Neste trabalho, desenvolvo uma pesquisa sobre a Educação Brasileira, sobre a Pedagogia utilizada nas escolas do século XXI e, mais especificamente, sobre a Escola VILA, situada na cidade de Fortaleza, CE. Dentro desta pesquisa, exponho as vantagens e desvantagens dos modelos da Escola Tradicional e Escola Nova, assim como sugestões e conceitos de teóricos – pedagogos e psicólogos - a fim de chegar ao objeto aqui estudado: a Escola VILA. Por fim, desenvolvo uma proposta arquitetônica com base nesse estudo.

PALAVRAS-CHAVE

Educação, Transdisciplinaridade, Natureza, Vivência, Visão Global.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07	3.2.2. <i>O trabalho com os elementos da Mãe Terra</i>	24
1.1. Apresentação	07	3.2.3. <i>O trabalho de corpo</i>	24
1.2. Justificativa do Tema	07	3.2.4. <i>O currículo</i>	25
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09	4. O PROJETO: BERÇÁRIO E ESCOLA DE	
2.1. Educação Brasileira	09	EDUCAÇÃO INFANTIL VILA - SEDE ALDEOTA	26
2.1.1. História da Educação no Brasil	09	4.1. Princípios Ideológicos e Arquitetônicos	26
2.1.2. A Educação Infantil Brasileira na Atualidade	12	4.1.1. Biosustentabilidade	26
2.2. A Pedagogia do Século XXI	14	4.1.2. Transdisciplinaridade	26
2.2.1. A Escola Tradicional	14	4.1.3. Desenho Universal e Acessibilidade	27
2.2.2. A Escola Nova	17	4.2. A Proposta	29
2.2.3. Alguns representantes da Escola Nova	18	4.3. Localização	29
 		4.3.1. A Zona	29
3. A ESCOLA VILA	22	4.3.2. O Bairro	30
3.1. O Histórico da Escola VILA	22	4.4. Parâmetros Urbanos – Análise do Terreno	31
3.2. A Filosofia da Escola VILA	23	4.4.1. Aspectos Naturais	32
3.2.1. <i>O criar</i>	24	4.4.2. Solo Urbano	36

4.4.3. Aspectos Históricos e Culturais	36
4.4.4. Infra-estrutura e Serviços Urbanos	38
4.4.5. Circulação e Áreas Livres	38
4.5. Programa de Necessidades	39
4.6. Fluxograma	46
4.7. O Projeto Arquitetônico	47
4.7.1. Partido Arquitetônico e Implantação	47
4.7.2. O Conjunto Edificado	48
4.7.3. Sistemas Estruturais	50
5. CONCLUSÃO	52
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
7. MAQUETE ELETRÔNICA E DESENHOS	55

1. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação

O papel da escola sempre foi e sempre será questionado através dos tempos. Questiona-se se esta, a escola, tem servido ao seu papel sociológico de preparar indivíduos para se posicionarem como seres integrados e adaptados à convivência em grupo, à sociedade.

É com esse questionamento que desenvolvo este trabalho.

Depois que conheci o trabalho que é desenvolvido na Escola VILA (Vivência Infantil Lazer e Aprendizagem) senti a necessidade de ampliar a verdadeira essência da palavra EDUCAÇÃO. Não se pode mais pensar em educação somente como currículo obrigatório de uma instituição escolar. A situação da vida no planeta, atualmente, exige mudanças de hábitos e valores, mudanças da nossa postura frente ao mundo e uma responsabilidade maior em relação à existência. O educador precisa perceber a educação de uma forma mais ampla e submetê-la a uma visão de mundo global, ensinando à criança a valorizar e a cuidar do planeta Terra.

A Escola VILA preocupa-se com esta situação. Ela investe em um trabalho de consciência baseado nos valores e

direitos humanos e nas mudanças de atitudes que levam o ser a ter uma visão de mundo mais ampla, respeitando a vida e valorizando o convívio com a natureza.

Com base nestas e outras reflexões, apresento neste trabalho pesquisas sobre a Educação Brasileira; sobre a Pedagogia do Século XXI, onde exponho as vantagens e desvantagens da Escola Tradicional e Escola Nova; e sobre a Escola VILA. Desenvolvo, então, o meu Trabalho Final de Graduação em torno do resultado final destas pesquisas.

1.2. Justificativa do Tema

Escolhi este tema por achar interessante a filosofia de ensino que é utilizada na Escola VILA.

A escola proposta busca atender as necessidades crescentes da educação infantil, através de um projeto que envolve a metodologia da Escola VILA.

O trabalho envolve o currículo obrigatório de uma escola, aliado à experiência, à prática e à vivência da criança com o ser humano e com a natureza, conceitos estes chave do conhecimento e filosofia da Escola VILA.

O espaço físico foi pensado a fim de fazer com que a criança se sinta segura e tenha oportunidade de experimentar, de conviver e construir, através da interação, do seu pensamento, da

sua emoção, do seu conhecimento; com a consciência de que faz parte da natureza, de que colabora com a vida no planeta Terra.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Educação Brasileira

2.1.1. História da Educação no Brasil

A história da educação no Brasil começa em 1549 com a chegada do primeiro grupo de padres jesuítas, inaugurando uma fase, marcada pelo etnocídio dos povos indígenas, que mudou o futuro da civilização do país. (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, [2000?]).

Segundo Nelson Piletti (2003), em seu livro *História da Educação no Brasil*, os jesuítas dedicaram-se nesta época a duas tarefas principais: à pregação da fé católica e ao trabalho educativo. Com seu trabalho missionário, “procurando salvar almas”, abriam caminho à penetração dos colonizadores, e, com seu trabalho educativo, ensinavam as primeiras letras, a gramática latina, a doutrina católica e os costumes europeus. Durante mais de dois séculos, eles foram praticamente os únicos educadores do Brasil.

Ao serem expulsos de Portugal e de suas colônias, em 1759, os jesuítas mantinham, no Brasil,

“[...] trinta e seis missões, escolas de ler e escrever em quase todas as povoações e aldeias por onde se espalhavam suas vinte e

cinco residências, além de dezoito estabelecimentos de ensino secundário, entre colégios e seminários, localizados nos pontos mais importantes do Brasil [...]”. (PILETTI, 2003, p. 33).

Com a expulsão, esses estabelecimentos de ensino ficaram sem funcionamento, abrindo-se, então, um enorme vazio educacional que perdurou por quase cinco décadas.

Somente com a vinda da Família Real portuguesa, em 1808, ressurgiu a política educacional e ela toma um novo rumo. O interesse do governo, nesta época, era a formação das elites dirigentes do país. Portanto, “ao invés de procurar montar um sistema nacional de ensino, integrado em todos os graus e modalidades, as autoridades preocuparam-se mais em criar instituições culturais e científicas, de ensino técnico e os primeiros cursos superiores [...]”. (PILETTI, 2003, p. 41).

Com a Independência, conquistada em 1822, surgiram diversas mudanças no panorama sócio-político e econômico do país, que refletiram diretamente dentro da política educacional brasileira. Na Assembléia Nacional Constituinte de 1823, discutiu-se, pela primeira vez, sobre a educação popular, como também sobre a criação de várias universidades no Brasil. O resultado desse debate educacional foi o compromisso do império, na Constituição de 1824, em assegurar “instrução primária e gratuita a todos os cidadãos”. A Lei de 15 de outubro de 1827 estabelecia a

criação de escolas primárias em todas as cidades, vilas e lugarejos, e escolas de meninas nas cidades mais populosas. (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, *op.cit.*). Infelizmente, estes dispositivos nunca chegaram a ser cumpridos.

Além disso, foram poucas as iniciativas do governo acerca do ensino primário e, em 1834, com a promulgação do Ato Adicional, a educação primária acabou sendo deixada ao encargo das províncias. Essa postura comprometeu demasiadamente o futuro da educação básica, pois o governo central afastou-se da responsabilidade de assegurar educação elementar a todos os cidadãos. Sem um centro de unidade, de ação, a expansão do ensino no período imperial acabou sendo feita de forma lenta e irregular. (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, *op.cit.*; PILETTI, *op.cit.*).

A proclamação da República, em 1889, alterou muito pouco esse panorama.

Na década de 1920, após a Primeira Guerra Mundial, todos os setores sociais do país, econômico-cultural e político, estavam em crise. Em decorrência dessa fase, inúmeras mudanças são debatidas e anunciadas. O setor educacional participa do movimento de renovação ao qual se encontrava o país. Surgem, então, várias reformas de ensino nos demais níveis, as primeiras universidades brasileiras, a primeira grande geração de

educadores, como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Almeida Junior, os Ideais da Escola Nova e o Manifesto dos Pioneiros, que divulga os pontos centrais desse movimento, entre outros. (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, *op.cit.*). A Revolução de 1930, em 1934, sintetizou os avanços na área educacional, incorporando muito do que havia sido debatido nos anos anteriores. Como constata Piletti (2003, p. 54),

“A primeira República é o período no qual se colocou em questão o modelo educacional herdado do Império, que privilegiava a educação da elite – secundário e superior – em prejuízo da educação popular – primário e profissional. A educação elitista entrou em crise, de modo especial, na década de 20, quando também se tornou mais aguda a crise de outros setores da vida brasileira – político, econômico, cultural e social. A crise da educação elitista e as inúmeras discussões que provocou desembocaram na Revolução de 30, que foi responsável por numerosas transformações que fizeram avançar o processo educacional brasileiro.”

As transformações ocorridas começaram a dar feição a um sistema articulado de educação, segundo normas do governo federal. No entanto, com o golpe do Estado Novo e a Constituição imposta ao país, em 1937, Getúlio Vargas assumiu um controle ditatorial sobre a sociedade brasileira. O direito de todos à

educação deixou de estar explícito na Constituição, que acabou por privilegiar as escolas particulares. Registrou-se no Estado Novo um retrocesso no plano educacional democrático que havia sido elaborado nos anos anteriores.

Após a queda do Estado Novo, em 1945, os princípios educacionais democráticos da carta de 1934 são retomados. Houve, nesse período, um avanço da participação popular, e conseqüentemente, da educação popular. De 1945 até a Revolução de 1964, foram organizadas numerosas campanhas visando à ampliação e à melhoria do atendimento escolar. Surge um intenso movimento em prol da escola pública, universal e gratuita, que fez com que, em alguns estados, o número de alunos em estabelecimentos públicos superasse o número de alunos em estabelecimentos particulares. Nessa época, também, numerosas campanhas e movimentos de educação popular foram organizados, destacando-se, em 1947, a Campanha de Educação de Adultos, em 1951, a atual fundação CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), em 1961, a instalação do Conselho Federal de Educação, além da expansão do ensino primário e superior. (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, *op.cit.*; PILETTI, *op.cit.*).

A partir de 1964, período da ditadura militar, a educação brasileira passou a ser vítima do autoritarismo que se

instalou no país. “Reformas foram efetuadas em todos os níveis de ensino, impostas de cima para baixo, sem a participação dos maiores interessados [...]” (PILETTI, 2003, P.114), somente do Estado. Os resultados práticos, nessa época, foram: elevados níveis de repetência, evasão escolar, deficiência de recursos materiais e humanos, elevadas taxas de analfabetismo, entre outros. Porém, o governo ditatorial multiplicou as vagas em escolas superiores particulares e, em 1969 e 1971, respectivamente, foram aprovadas algumas leis, como a Lei 5540/68 e a Lei 5692/71 que introduziram mudanças importantes nos diferentes níveis de ensino e que continuam em vigor até hoje. (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, *op.cit.*; PILETTI, *op.cit.*).

Segundo o Ministério das Relações Exteriores, em 1987, a Assembléia Constituinte e quatorze entidades formaram o Fórum da Educação na Constituinte, e abrem um novo período.

“A Constituição de 1988, promulgada após amplo movimento de redemocratização do país, procurou introduzir inovações e compromissos [na estrutura da educação brasileira], com destaque para a universalização do ensino fundamental e erradicação do analfabetismo.” (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, *op.cit.*, p.03).

Segue-se, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente, que inseriu a criança no mundo dos direitos humanos, e, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que

inseriu a educação infantil como primeira etapa da educação básica. Desde esse período, ampliaram-se consideravelmente as responsabilidades do Poder Público com a educação brasileira.

Atualmente, esse movimento de participação do Poder Público na educação brasileira ainda está em curso.

2.1.2. A Educação Infantil Brasileira na Atualidade

Até o final do século passado, os estabelecimentos destinados ao atendimento das crianças de zero a seis anos estavam vinculados à assistência social e não faziam parte do sistema educacional brasileiro. Somente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é que esta integração começou a ser implantada de forma mais sistemática, acarretando mudanças no conteúdo do trabalho desenvolvido no Brasil. (INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2001).

A LDB define que a educação infantil deve ser oferecida em creches, ou entidades equivalentes, para crianças de zero a três anos de idade, e em pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade. A educação infantil é um direito público, cabendo à expansão da oferta ao município, com o apoio das esferas federal e estadual. (INSTITUTO PEREIRA PASSOS, *op.cit.*). Aos municípios, compete, além de oferecer educação

infantil em creches e pré-escolas e manter o ensino fundamental, baixar normas complementares às leis maiores, bem como autorizar, credenciar e supervisionar os estabelecimentos de seus sistemas de ensino e aqueles mantidos por particulares. O município, portanto, carrega grande responsabilidade para com a educação infantil no Brasil.

De fato, a década de 1990 foi fundamental para o avanço no que diz respeito aos direitos da criança pequena. O Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, a já mencionada LDB, de 1996, e a Constituição Federal, de 1988, trataram a criança como parte de um todo, a fim de promover o desenvolvimento do país.

De acordo com Paschoal e Machado (2009, p. 86), o Ministério da Educação, em uniformidade com a legislação, publicou em 1998, dois anos após a aprovação da LDB, os documentos “Subsídios para o credenciamento e o funcionamento das instituições de educação infantil”, que contribuiu significativamente para a formulação de diretrizes e normas da educação da criança pequena em todo país, e o “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil”, com o objetivo de contribuir para a implementação de práticas educativas de qualidade no interior dos Centros de Educação Infantil. Este último foi concebido de maneira a servir como um guia de reflexão de

cunho educacional sobre os objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais que atuam com crianças de zero a seis anos de idade, respeitando seus estilos pedagógicos e a diversidade cultural brasileira. Esse referencial resultou de um amplo debate nacional, do qual participaram professores e diversos profissionais que atuam diretamente com crianças.

A partir desta época, a educação infantil, além de ser considerada a primeira etapa da educação básica, embora não obrigatória, é um direito da criança e tem o objetivo de proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento do bem-estar infantil, como o desenvolvimento físico, motor, emocional, social, intelectual e a ampliação de suas experiências.

Contudo, vê-se, que as conquistas realizadas na década de 1990 não bastam para se ter uma completa e boa educação infantil. A busca na qualidade desse tipo de ensino continua até hoje e envolve sempre outras questões, como a elaboração de projetos educativos nas instituições; a formação e a valorização do professor na escola, e a constante garantia de que os recursos financeiros que são destinados a esta área, sejam aplicados, de fato, nesta área. Todas estas questões estão previstas na Lei 10.172/2001 – Plano Nacional de Educação (PNE), que fica em vigor até este ano de 2010. (PASCHOAL; MACHADO, *op.cit.*)

Sobre os profissionais que trabalham com esta faixa etária, de zero a seis anos, é importante ressaltar que, em função das exigências previstas, atualmente, na Lei, faz-se necessário uma formação inicial sólida e constante atualização em serviço. Portanto, vê-se que não é qualquer pessoa que está apta a esse trabalho. O trabalho com as crianças menores exige muita habilidade física e grande preparo emocional. Portanto, a formação dos professores é reconhecidamente um dos fatores mais importantes para a promoção de padrões de qualidade da educação infantil brasileira, pois o profissional deve estar disposto física e emocionalmente para atender a criança pequena. (PASCHOAL; MACHADO, *op.cit.*, p. 90)

A educação infantil vem conquistando espaço no âmbito educacional, mas ainda não tem sido prioridade. Vê-se que sua consolidação só aconteceu nas últimas décadas, em função dos movimentos sociais de luta e reivindicação pelos direitos humanos, dentre eles, o direito de todas as pessoas a uma educação de qualidade, desde a mais tenra idade. Estas décadas significaram um tempo de conquistas sobre os direitos da criança brasileira, e o dever do Estado é manter a garantia de todos esses direitos.

O importante é que a educação de qualidade da criança possa ser reconhecida não só no plano legislativo e nos

documentos oficiais, mas pela sociedade como um todo. Esse é o maior desafio.

2.2. A Pedagogia do Século XXI

2.2.1. A Escola Tradicional

Segundo Denise Maria Maciel Leão (1999), a Escola Tradicional surgiu a partir do advento dos Sistemas Nacionais de Ensino, que datam do século XIX, mas só atingiram força e abrangência nas últimas décadas do século XX. Tais sistemas de ensino inspiraram-se na emergente sociedade burguesa, a qual dizia que a educação era um direito de todos e dever do Estado.

O paradigma de ensino tradicional foi um dos principais a influenciar a prática da educação formal, bem como o que serviu de referencial para os modelos que o sucederam através do tempo. É impressionante notar que a Escola Tradicional continua existindo de modo semelhante ao que foi no seu início.

De acordo com Mizukami apud Leão, Denise (1999),

“a abordagem tradicional do processo de ensino e aprendizagem não se fundamenta em teorias empiricamente validadas, mas numa prática educativa e na sua transmissão através dos anos. Dessa forma, os pressupostos teóricos da educação tradicional partiram de concepções e práticas educacionais que prosseguiram no tempo sob as mais diferentes formas.”

A ênfase do ensino tradicional está na transmissão dos conhecimentos. A educação tradicional é, em essência, “[...] uma educação imposta de cima para baixo e de fora para dentro. Impõe padrões, matérias de estudo e métodos de adultos sobre os que estão crescendo lentamente para a maturidade.” (DEWEY, 1979, p. 05). Em termos práticos, os pontos principais de organização dessa teoria de ensino estabelecem que a escola seja concebida em forma de classes e que o professor, mestre impositor, aplique as lições e exercícios aos alunos, os quais devem realizá-los disciplinadamente.

Leão (*op.cit.*, p. 192) mostra detalhadamente, em um quadro (Figura 01), as características da Escola Tradicional. Na Escola Tradicional, o conhecimento humano possui um caráter cumulativo: “A abordagem tradicional do ensino parte do pressuposto de que a inteligência é uma faculdade que torna o homem capaz de armazenar informações, das mais simples às mais complexas.” (LEÃO, *op.cit.*, p. 190). O abismo entre o saber amadurecido e acabado do adulto, muitas vezes, é tão amplo, que a própria situação criada impede qualquer participação mais ativa dos alunos no desenvolvimento do que é ensinado. Na Escola Tradicional,

“Aprender significa adquirir o que já está incorporado aos livros e à mente dos mais

velhos. Considera-se ainda o que se ensina como essencialmente estático. Ensina-se um produto acabado, sem maior atenção quanto aos modos e meios por que originariamente assim se fez, nem também quanto às mudanças que seguramente irá sofrer no futuro. Trata-se de produto cultural de sociedades que supunham o futuro em tudo semelhante ao passado [...]” (DEWEY, 1979, p.06).

Porém, um ponto positivo e importante da Escola Tradicional é que ela se preocupa em transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade.

Como menciona Leão (*op.cit.*, p. 203),

“Possibilitar que todo o acervo cultural seja objeto de aprendizagem é um dos méritos da Escola Tradicional. É óbvio que os conteúdos escolares têm de ser valorizados e efetivamente ensinados ao aluno. O que se discute é a forma mais adequada de se realizar este contato dos alunos com os conteúdos curriculares.”

No Brasil, a relação pedagógica tradicional diz respeito muito à sua versão religiosa, aqui implantada pela ação dos jesuítas e posteriormente reforçada por outras ordens religiosas. Como resume Helena Ferreira (2008),

“A concepção de escola laica e para todos, que caracterizou os ideais da Revolução Francesa, ganhou visibilidade no Brasil apenas no fim do período imperial e, principalmente, depois da implantação do regime republicano. No entanto, a concretização da idéia de um sistema de

educação para todos os brasileiros esbarrou nos valores de uma sociedade escravista, em que negros, índios, e brancos pobres eram considerados não civilizados. Nas escolas religiosas que atendiam à elite, vigorou uma concepção de relação pedagógica tradicional e centrada no mestre, embora seu modelo não fosse exatamente o clássico greco-romano, e sim o da fé e da moral católicas.”

Embora esse modelo de escola perdure até hoje, e seja retentora da grande maioria das escolas existentes em nosso país, vê-se que a educação tradicional vem sendo questionada e criticada sobre sua adequação aos padrões de ensino exigidos pela atualidade. Novos paradigmas trouxeram críticas à escola tradicional e, conseqüentemente, diferentes abordagens de ensino, que, em contraposição à Escola Tradicional, resultaram na Escola Nova.

CARACTERÍSTICAS DA ESCOLA TRADICIONAL					
Papel da Escola	Conteúdos de Ensino	Métodos	Relacionamento professor-aluno	Pressupostos de Aprendizagem	Manifestações na prática escolar
<ul style="list-style-type: none"> • A atuação da escola consiste na preparação intelectual e moral dos alunos para assumir sua posição na sociedade; • o compromisso da escola é com a cultura, os problemas sociais pertencem à sociedade; • o caminho cultural em direção ao saber é o mesmo para todos os alunos desde que se esforcem. 	<ul style="list-style-type: none"> • São os conhecimentos e valores sociais acumulados pelas gerações adultas e repassados ao aluno como verdades; • as matérias de estudo visam preparar o aluno para a vida, são determinadas pela sociedade e ordenadas na legislação; • os conteúdos são separados da experiência do aluno e das realidades sociais; • é criticada por ser intelectualista ou ainda enciclopédica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Baseiam-se na exposição verbal da matéria e/ou demonstração; • tanto a exposição quanto a análise da matéria são feitas pelo professor; • os passos a serem observados são os seguintes: <ul style="list-style-type: none"> * preparação * apresentação * associação * generalização * aplicação • a ênfase nos exercícios, na repetição de conceitos ou fórmulas e na memorização visa disciplinar a mente e formar hábitos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Predomina a autoridade do professor que exige atitude receptiva dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula; • o professor transmite o conteúdo na forma de verdade a ser absorvida; • a disciplina imposta é o meio mais eficaz para assegurar a atenção e o silêncio. 	<ul style="list-style-type: none"> • A capacidade de assimilação da criança é idêntica à do adulto, apenas menos desenvolvida; • os programas devem ser dados numa progressão lógica, sem levar em conta as características próprias de cada idade; • a aprendizagem é receptiva e mecânica utilizando-se muitas vezes a coação; • a retenção do material ensinado é garantida pela repetição de exercícios sistemáticos e recapitulação da matéria; • a transferência da aprendizagem depende do treino; é indispensável a retenção, a fim de que o aluno possa responder às situações novas de forma semelhante às respostas dadas em situações anteriores; • a avaliação se dá por verificações de curto e longo prazo: arguição, tarefa de casa, provas escritas, trabalhos de casa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Essa pedagogia, chamada pelo autor de Pedagogia Liberal Tradicional, é viva e atuante em nossas escolas; • na descrição apresentada aqui incluem-se as escolas religiosas ou leigas que adotam uma orientação clássico-humanista ou uma orientação humano-científica, sendo que esta se aproxima mais do modelo de escola predominante em nossa história educacional.

Figura 01 – Quadro de características da Escola Tradicional. (Fonte: LEÃO, 1999, p. 192).

2.2.2. A Escola Nova

Segundo Cristiano Di Giorgi (1992), o movimento da Escola Nova começou com pequenas experiências isoladas, na última década do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX. Tinham elas em comum o fato de terem sido executadas em internatos situados no campo, onde se procurava que a educação se desse misturada com a vida dos alunos, aonde se realizavam atividades como criação de animais, jardinagem etc., todas elas planejadas no sentido de serem educativas.

“Procurava-se que o ensino teórico fosse ligado ao conhecimento prático da natureza e da vida social, que se tentava reproduzir, de forma reduzida, na própria comunidade escolar. Essas escolas [do campo] não tinham ainda sistematizado qualquer metodologia, e a tentativa de ligar o ensino à “vida” se fazia fundamentalmente por ensaios empíricos.” (DI GIORGI, 1992, p. 27 - 28)

De acordo com Di Giorgi (*op.cit.*), em 1899, foi fundado o Bureau International des Écoles Nouvelles (Escritório Internacional das Escolas Novas) e, a partir daí, expandiram-se os centros de estudos de âmbito internacional. Sucederam-se os congressos, assembléias e simpósios sobre educação. Em 1919, foi realizado um congresso em Calais que expôs as características gerais da Escola Nova. Reproduz-se, a partir de Lourenço Filho (apud Di Giorgi, Cristiano (1992)), alguns artigos a seguir:

- A Escola Nova é um laboratório de pedagogia prática. Procura desempenhar o papel de explorador ou iniciador das escolas oficiais, mantendo-se ao corrente da psicologia moderna. [...]
- A Escola Nova organiza trabalhos manuais para todos os alunos, durante uma hora e meia, ao menos, por dia. [...]
- Em matéria de educação intelectual, a Escola Nova procura abrir o espírito por uma cultura geral da capacidade de julgar, mais que por acumulações de conhecimentos memorizados. O espírito crítico nasce da aplicação do método científico: observação, hipótese, comprovação etc. [...]
- O ensino está baseado, em geral, sobre os interesses espontâneos da criança. [...]
- O trabalho individual do aluno consiste numa investigação, seja nos fatos, seja nos livros ou jornais etc. [...]
- O trabalho coletivo consiste numa troca, ordenação ou elaboração lógica comum dos conhecimentos individualmente reunidos.

Esses artigos forneceram a base e o clima nos círculos pedagógicos para que os educadores pudessem fazer sistematizações mais completas dos métodos da Escola Nova.

No Brasil, o ideário da Escola Nova disseminou-se no final da década de 1920. A idéia de constituir um Sistema Nacional de Educação, integrando os vários sistemas estaduais e os diferentes níveis educacionais, tomou corpo nessa época, sob a influência dos pioneiros da educação nova, entre os quais se destacam Anísio Teixeira e Lourenço Filho. O ideário “escolanovista” encontrou resistência por parte dos educadores católicos, que defendiam concepções tradicionais vinculadas à religião. (FERREIRA, 2008).

Apesar de todo seu sucesso, a Escola Nova não conseguiu modificar de maneira significativa o modo de operar as redes nacionais de escolas. Porém, as idéias e experiências dos autores da Escola Nova continuam servindo como fonte de inspiração pedagógica a fim de buscar novos rumos para a educação em todo o mundo.

2.2.3. Alguns representantes da Escola Nova

Decroly

Algumas experiências e propostas que tiveram grande notoriedade, no campo da Escola Nova, foram as do belga Ovide Decroly (Bélgica, 1871-1932). Ele formou-se em medicina, mas

voltou-se à pedagogia a partir da preocupação com as crianças com deficiência mental. (DI GIORGI, 1992, p. 31).

Decroly foi um dos precursores dos métodos ativos, fundamentados na possibilidade de o aluno conduzir o próprio aprendizado. O seu método mais famoso é o dos *centros de interesse*. Como fala Di Giorgi (*op.cit.*, p. 31):

“Decroly se propunha abranger todo o conteúdo dado na escola tradicional, reagrupando-o, porém, em conjuntos coerentes que se ligassem uns aos outros através de laços lógicos ou psicológicos, apoiando-se e completando-se mutuamente.”

Por isso, o método Decroly foi considerado por Lourenço Filho (1978) “um sistema de transição” entre a Escola Tradicional e a Escola Nova.

Assim, no método Decroly não há separação de disciplinas. Um assunto puxa outro e cada um deles exige o concurso de todas as disciplinas para sua compreensão.

Alguns de seus pensamentos estão bem vivos nas salas de aula e coincidem com propostas pedagógicas difundidas atualmente.

Montessori

Maria Montessori (Itália, 1870–1952) tem em comum com o belga, Decroly, o fato de ter se formado médica e ter se

interessado pela pedagogia através do trabalho com crianças deficientes mentais. (DI GIORGI, 1992, p. 31).

Segundo Di Giorgi (*op.cit.*, p. 34), a pedagogia de Montessori é, na Escola Nova, talvez o ponto mais alto de valorização da criança. Para Montessori, a criança representa a renovação da vida, em todos os sentidos. É ela quem é capaz de romper com a rotina, com o conservadorismo, com a rigidez do adulto; é ela que tem energia e vida para produzir coisas novas; é ela que é capaz de amar desinteressada e profundamente.

“Propõe Montessori que se crie um ambiente favorável segundo as necessidades físicas e psíquicas da criança. A ordenação do meio é uma das tarefas primordiais do professor.” (DI GIORGI, *op.cit.*, p. 34). Além disso, Montessori tem um método de alfabetização próprio e uma série de jogos e materiais para o ensino, que alguns pedagogos, chamam, atualmente, de material Montessori.

Montessori foi a representante da Escola Nova mais adotada nas escolas católicas. Isso certamente ocorre por ser ela a primeira a pensar a questão da educação religiosa dentro da Escola Nova. Diz ela:

“Há, por conseguinte, um perfeito paralelo entre tudo o que foi descrito até o momento sobre as “*Casas dei Bambini*” e a educação religiosa – vida prática e formação do espírito.

Se, mesmo para o adulto, importa não somente conhecer, mas ainda viver a sua religião, isso importa ainda mais para a criança, que é muito mais capaz de a viver do que de a compreender.” (Lourenço Filho apud Di Giorgi, Cristiano (*op.cit.*)).

Diferente do método Decroly, em Montessori, há separação de disciplinas e vários pequenos passos de aprendizagem em cada conteúdo.

Em sumo, a filosofia e os métodos elaborados pela médica italiana procuram desenvolver o potencial criativo da criança desde a primeira infância, associando-o à vontade de aprender, conceito que ela considerava inerente a todos os seres humanos.

Dewey

Outro importante autor do movimento da Escola Nova é John Dewey (EUA, 1859–1952), que foi, provavelmente, o seu mais importante pensador e divulgador. (DI GIORGI, 1992, p. 35).

Dewey é o nome mais célebre da corrente filosófica que ficou conhecida como Pragmatismo. “Para essa escola de pensamento, as idéias só têm importância desde que sirvam de instrumento para a resolução de problemas reais.” (RAMALHO, 2008).

No campo específico da pedagogia, como constata Di Giorgi (*op.cit.*, p. 36), o ideal educacional de Dewey era de que a educação se desse, o máximo possível, junto com a própria vida: quanto mais se integrassem atividade escolar e demais atividades cotidianas, melhor.

Do ponto de vista metodológico, Dewey propôs o mais importantes dos sistemas da Escola Nova: o sistema de projetos.

“O projeto é algo que absorve toda a classe ou um grupo de alunos durante algum tempo do ano escolar, podendo chegar a ser o ano inteiro. [...] Deve envolver trabalho manual e intelectual conjuntamente. Deve procurar envolver, além dos alunos que estão diretamente trabalhando no projeto, outros membros da comunidade escolar e mesmo de fora da escola. Exige, evidentemente, o ensino globalizado: todas as disciplinas se voltam unicamente para a resolução dos problemas que se colocam como entraves ao desenvolvimento do projeto.” (DI GIORGI, *op.cit.*, p. 37).

O objetivo no método de Dewey é um ensino ativo, com objetivo prático. O mais importante não são as informações em si, mas o desenvolvimento da capacidade de buscá-las.

Depois dos ideais de John Dewey, as atividades manuais e criativas ganharam destaque no currículo escolar e as crianças passaram a ser estimuladas a experimentar e pensar por si mesmas.

Piaget e o Construtivismo

Jean Piaget (Suíça, 1896 – 1980) é considerado um dos maiores expoentes do estudo do desenvolvimento cognitivo. Seus estudos trouxeram uma considerável contribuição para o desenvolvimento da Escola Nova e da pedagogia em geral.

Segundo Rosa (2005), o que se deve considerar, primeiramente, é que Piaget não se preocupou com o ambiente escolar propriamente dito. Sua preocupação sempre foi com a gênese do conhecimento na criança e no adolescente, e nunca foi a de como ensinar. Todas as chamadas escolas construtivistas, ou teorias construtivistas, são desenvolvimentos *a posteriori* a partir das consequências dos trabalhos de Piaget e colaboradores.

A tese fundamental do pensamento piagetiano é de que somente uma visão desenvolvimentista do conhecimento pode prover uma resposta a problemas que, tradicionalmente, são evitados pela filosofia especulativa. (ROSA, 2005, p. 03).

A partir de Piaget, derivou-se um movimento que tenta fazer uma ponte entre as teorias piagetianas e o ambiente da escola. A esse movimento deu-se o nome de **Construtivismo**. Em uma escola construtivista, o processo, ou a discussão dele, pelo qual um aluno chegou à determinada resposta é mais importante do que o resultado em si. Dirigir a aprendizagem é criar uma seqüência de desequilibrações que levem a criança a fazer o

esforço de reequilíbrio. Este é o papel do professor: provocar a criança o tempo todo. (ROSA, *op.cit.*, p. 15 - 16).

No ambiente de sala de aula de uma escola piagetiana, o trabalho em grupo é de importância fundamental, pois favorece o desenvolvimento das estruturas mentais e da inteligência em geral, inclusive sensório-motora, equilíbrio da afetividade e superação do egocentrismo inicial das crianças.

Por esse, e por outros motivos, a Escola VILA, a ser apresentada, se encaixa nos padrões da Escola Nova e, principalmente, na filosofia construtivista de Jean Piaget.

3. A ESCOLA VILA

3.1. O Histórico da Escola VILA

O trabalho que gerou a Escola VILA começou em 1979, quando Fátima Limaverde reuniu-se com outras mães para trabalhar com seus filhos. Aos poucos, essas reuniões ganharam corpo e transformaram-se em Colônia de Férias, na qual se trabalhava com a criatividade, com a reciclagem de materiais, com música, teatro, horta, costura e recreação. (LIMAVERDE, 1999, p. 23).

Desde o início do trabalho, as crianças traziam para a Colônia todo tipo de material, e com ele criavam-se oficinas de jogos pedagógicos, teatro, brinquedos, instrumentos musicais etc. De acordo com Fátima Limaverde (1999), ela criou um espaço chamado “Quintal”, onde recebia crianças três vezes por semana para dar continuidade às Colônias de Férias e incluir outras atividades como o trabalho com farmácia viva, artesanato e trabalho de corpo. Depois de dois anos, em 1981, ela foi convidada a abrir uma escola, que hoje é a Escola VILA.

O nome VILA é uma sigla: Vivência Infantil Lazer e Aprendizagem, e foi escolhido por Geraci de Mello, sua primeira sócia.

“Assim, através de um trabalho de sensibilização e integração que envolveu várias atividades como: psicodrama, biodança, bioenergética, yoga e outras oficinas dentro das atividades que iríamos desenvolver com as crianças, capacitamos a nossa equipe: uma pedagoga, uma psicóloga e um grupo de professores iniciantes, sem vícios da escola tradicional.” (LIMAVERDE, *op.cit.*, p. 25).

Segundo Limaverde (*op.cit.*), foi muito difícil para os pais aceitarem sair do tradicional e desapegar-se dos valores que a instituição escolar implantou. Muitos pais não acreditavam que a criança pudesse aprender sem ficar sentada numa sala de aula.

O trabalho da Escola VILA nunca se limitou à sala de aula. Trabalhava-se no quintal e sempre se fazia rodízio de salas de música, jogos, aulas de corpo, e, no horário de quintal, os alunos interagiam com outros de idades diferentes. Tudo isto, a princípio, assustava muito os pais. A alfabetização, por exemplo, foi um ponto de muita discussão, pois a idéia era trabalhar com o mesmo rodízio de espaço das outras turmas. Alguns pais, e até alguns professores, achavam que as crianças não aprenderiam a ler desta forma. (LIMAVERDE, *op.cit.*, p. 29 – 30)

“A intuição de se trabalhar com esses rodízios de espaço, garantiu, para surpresa de todos, que os alunos comessem a ler antes mesmo do tempo imaginado. Até mesmo os de Jardim II começavam a ler muito cedo. Para mim, a leitura é como o andar, o falar. Na hora em que a criança está pronta acontece. O que ela precisa

é de espaço, respeito, segurança e muito amor.” (LIMAVERDE, 1999, p. 30).

Os anos passaram-se com um resultado muito bom, onde a evolução das crianças era visível em todos os aspectos: crianças questionadoras, responsáveis e conscientes de seu papel no universo. O trabalho foi feito durante dez anos somente com a educação infantil e creche, e só depois da insistência dos pais, a Escola VILA abriu-se para o ensino fundamental. (LIMAVERDE, *op.cit.*, p. 30 – 31).

De acordo com Limaverde (*op.cit.*), o trabalho não pára. A cada dia descobre-se, amplia-se e tenta-se aperfeiçoar mais a tarefa da escola. Os educadores da Escola VILA estão sempre preocupados em passar uma visão holística¹ e transdisciplinar² para os alunos, onde cada um sinta que é parte integrante do grande tear cósmico e naturalmente responsável pelo todo.

¹ Holismo, ou visão holística, é uma maneira de ver o mundo, o homem, a natureza e a vida em si como entidades únicas, completas e intimamente associadas. (Fonte: www.institutorenascer.org.br).

² Transdisciplinaridade é uma abordagem científica que visa à unidade do conhecimento. Desta forma, procura articular uma nova compreensão da realidade, unindo elementos que passam entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão da realidade. (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Transdisciplinaridade>).

3.2. A Filosofia da Escola VILA

A Escola VILA investe num trabalho de consciência baseada nos valores e direitos humanos, e nas mudanças de atitudes que levam o ser a ter uma visão de mundo mais ampla e humana. (LIMAVERDE, *op.cit.*, p. 34).

“Diante da situação estabelecida para a criança, por conta das dificuldades da vida dos pais hoje, é que pensamos num espaço onde ela [a criança] se sinta segura e tenha a oportunidade de experimentar, de conviver e construir através da sua fantasia o seu pensamento, a sua emoção, o seu conhecimento e a consciência de que faz parte da natureza; para que assim, o respeito e a responsabilidade com a vida no planeta, sejam seus reais reagentes.” (LIMAVERDE, 1999, p. 34 – 35).

Por isso criou-se um espaço onde a criança sentisse a oportunidade de redescobrir e construir um conhecimento que tivesse a preocupação com a vida. O trabalho envolve o currículo obrigatório de uma escola aliado às atividades que a Escola VILA acha interessante para o desenvolvimento do ser na sua totalidade.

Exponho, a seguir, a partir do livro de Fátima Limaverde (*op.cit.*), algumas atividades importantes e singulares que fazem parte do currículo e que são desenvolvidas com os alunos da Escola VILA:

3.2.1. O criar

“Criar é a arte maior do ser. Criar é colocar em prática a nossa essência e nos envolver com a totalidade do universo” (LIMAVERDE, 1999, p. 36).

O criar foi o grande motivo de nascer da Escola VILA – um espaço para a criação e para a certeza de que somos seres capazes de construir com responsabilidade.

No mundo moderno, a brincadeira e o brinquedo perderam espaço para os botões e teclados. O criar, o construir, passou a ser trabalhoso, e a solução é ter tudo pronto. Isso tem negado a capacidade que temos de criar e de tomarmos atitudes que são necessárias ao ser humano. (LIMAVERDE, *op.cit.*, p. 36).

No exercício de criar, a Escola VILA propõe várias atividades como oficinas de brinquedos, jogos, utensílios, reutilizando sucatas e as aulas complementares de Artes Plásticas, Música, Teatro e Artesanato.

3.2.2. O trabalho com os elementos da Mãe Terra

“Laboratórios como prática da vida.” (LIMAVERDE, 1999, p. 37).

Nos laboratórios de Fauna, Farmácia Viva, Saúde e Alimentação, Tecnologia Alternativa, Horta, Pomar, Jardim e

Manutenção, através de vivências, estudos e pesquisas; os alunos trabalham com os elementos da “Mãe Terra” e percebem a importância do cuidado com os recursos naturais, sempre atentos ao processo de desenvolvimento ecológico, tecnológico, agrícola, industrial e econômico do planeta em que vivemos. (LIMAVERDE, *op.cit.*, p. 37).

Com esse trabalho, experimenta-se concretamente o que a teoria explica, trabalhando na prática os conteúdos curriculares.

3.2.3. O trabalho de corpo

O trabalho de corpo tem como objetivo conhecer o próprio corpo, o cuidado com a saúde, com a alimentação, manter-se saudável, e com alternativas próprias de cura.

Assim, trabalham-se técnicas ocidentais e orientais como a respiração, meditação, relaxamento, *do-in*, *yoga*, *tai-chi-chuan* e *shantala*. Trabalha-se, também, a expressão corporal, a dança, jogos de psicomotricidade e outras atividades que favorecem e contribuem para um desenvolvimento global e a consciência corporal. (LIMAVERDE, *op.cit.*, p. 38).

3.2.4. *O currículo*

Faz parte, ainda, do currículo da Escola VILA, as manifestações, os seminários, as galerias de artes, as lutas, as festas, o folclore, as visitas, as apresentações e outras atividades que envolvem as inúmeras questões sociais existentes no Brasil e no mundo.

4. O PROJETO: BERÇÁRIO E ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL VILA - SEDE ALDEOTA.

4.1. Princípios Ideológicos e Arquitetônicos

Alguns princípios fundamentam a pedagogia que é utilizada na Escola VILA. Esses e outros princípios deram base à ideologia e ao o programa do projeto arquitetônico do Berçário e Escola de Educação Infantil VILA - Sede Aldeota aqui apresentada. São eles:

4.1.1. Biosustentabilidade

A sustentabilidade é, hoje, um tema muito discutido na mídia e em todos os setores da sociedade. O termo “biosustentável” refere-se à sustentabilidade da vida, que é um tema bem presente na metodologia da Escola VILA.

Acredito que os desastres ecológicos, que podemos presenciar hoje em dia, têm sua origem no distanciamento do homem de seu meio social, da natureza e de si mesmo, enquanto espécie que depende de outras espécies e elementos naturais para viver.

A Escola VILA parte do princípio de que tudo no universo está interligado, nada é totalmente independente. Somos co-responsáveis pela construção da própria realidade.

“A educação, coerente com esse novo referencial [sustentabilidade], precisa ser compreendida, percebida e operacionalizada como uma educação global, na qual podemos também compreender nossa identificação com o planeta Terra, suas culturas, seu meio ambiente, a interdependência, os conflitos e as sucessivas mudanças. Requer uma visão ecológica que reconheça a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o perfeito entrosamento dos indivíduos e das sociedades nos processos cíclicos da natureza.” (Moraes apud Nascimento, Patrícia (2008)).

Desta maneira, a filosofia e os ambientes do Berçário e Escola de Educação Infantil VILA – Sede Aldeota estão intimamente ligados à questão da convivência com o meio social, com a natureza e com as pessoas, de uma maneira consciente, a fim de que a realidade criada beneficie toda a comunidade como um sistema vivo.

4.1.2. Transdisciplinaridade

A Transdisciplinaridade, enquanto definição, nasceu a partir das palavras de Jean Piaget no I Seminário Internacional sobre a Pluridisciplinaridade e a Interdisciplinaridade, realizado na Universidade de Nice, França, de 7 a 12 de setembro de 1970.

A Transdisciplinaridade não é um simples conjunto de conhecimentos ou um novo modo de organizá-los. Trata-se de uma

postura de respeito pelas diferenças culturais, de solidariedade e de integração com a natureza. Uma das propostas da transdisciplinaridade é o rompimento da dicotomia entre sujeito e objeto. Fala-se de diferentes níveis de percepção aos quais correspondem diferentes níveis de realidade: a razão sensível, a razão experiencial e a razão prática - o sentir, o pensar e o fazer.

De acordo com Roque Theophilo (2000),

“A transdisciplinaridade propõe transcender o universo fechado da ciência e trazer à tona a multiplicidade fantástica dos modos de conhecimento, assim como o reconhecimento da multiplicidade de indivíduos produtores de todos estes novos e velhos modos de conhecimento. A partir de então, surge a necessidade de reafirmar o valor de cada sujeito como portador e produtor legítimo de conhecimento.”

Um dos principais imperativos da transdisciplinaridade é o reconhecimento da “Terra como Pátria”, de maneira que o ser humano se conscientize que tem um caráter dúplice de nacionalidade, isto é, ele pertence a uma Nação e à Terra. Dessa forma, o ensino transdisciplinar se adequa bem aos paradigmas da atualidade, pois, com uma postura de respeito à Terra, pátria de todos, respeito à natureza e aos seres que nela habitam, vê-se que a sustentabilidade é praticada dentro da metodologia transdisciplinar. Isso pode ser abordado, dentro desta prática, de

variadas formas, sempre buscando valorizar, e colocar em primeiro plano, a vida no planeta Terra.

O Berçário e Escola de Educação Infantil VILA a ser apresentada é, em essência, uma escola com metodologia transdisciplinar de ensino.

4.1.3. Desenho Universal e Acessibilidade

De acordo com Montenegro, Santiago e Sousa (2009, p. 77), as edificações de uso coletivo são aquelas destinadas às atividades de natureza comercial, hoteleira, cultural, esportiva, financeira, turística, recreativa, social, religiosa, educacional, industrial e de saúde, inclusive as edificações de prestação de serviço de atividades de mesma natureza. A escola, portanto, é uma edificação de uso coletivo.

Uma edificação de uso coletivo, na sua construção, reforma ou ampliação, deverá incorporar os princípios do Desenho Universal, além de atender ao disposto na legislação vigente e estar em conformidade com o padrão técnico do conjunto de normas da ABNT sobre acessibilidade. (MONTENEGRO, SANTIAGO e SOUSA, 2009, p. 77).

O Desenho Universal é

“a concepção de espaços, artefatos e produtos que visam atender simultaneamente todas as

pessoas, com diferentes características antropométricas e sensoriais, de forma autônoma, segura e confortável, construindo-se nos elementos ou soluções que compõem a acessibilidade.” (Decreto 5.296/04 apud Montenegro, Santiago e Sousa, 2009).

Acessibilidade é

“a condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida.” (Decreto 5.296/04 apud Montenegro, Santiago e Souza, 2009).

Baseada nesses conceitos, estipulo, para o projeto arquitetônico do Berçário e Escola de Educação Infantil VILA, uma série de recomendações retiradas do *Guia de Acessibilidade: Espaço Público e Edificações (2009)*. Adoto, primordialmente, os seguintes princípios do Desenho Universal acerca do espaço arquitetônico:

1. Uso equitativo – equipara as possibilidades de uso;
2. Uso flexível – pode ser utilizado por uma gama de indivíduos;
3. Uso simples e intuitivo – uso de fácil compreensão;

4. Informação de fácil percepção – comunica ao usuário as informações necessárias, de forma facilitada;
5. Tolerância ao erro – minimiza o risco e as consequências adversas de ações involuntárias ou imprevistas;
6. Baixo esforço físico – pode ser utilizado por qualquer usuário com mínimo esforço físico;
7. Dimensão e espaço para acesso e uso – espaço e dimensões apropriados para interação, alcance, manipulação e uso, independente de tamanho, postura ou mobilidade do usuário.

Além disso, para que os critérios de segurança, autonomia e liberdade, de todos os usuários, sejam respeitados, é preciso manter constante a largura dos espaços de circulação, cuidando da pavimentação, bem como da sinalização dos espaços construídos.

Em sumo, o projeto do Berçário e Escola de Educação Infantil VILA está em vigência com as normas da ABNT sobre acessibilidade. Desta forma, seus espaços garantem segurança e independência a todos, incluindo as pessoas com deficiência e/ou mobilidade reduzida.

4.2. A Proposta

A proposta baseada no tema Berçário e Escola de Educação Infantil VILA – Sede Aldeota, desenvolvida a partir das pesquisas expostas anteriormente, envolve, em seu projeto pedagógico, o currículo obrigatório da escola aliado às questões sociais, ecológicas, tecnológicas, políticas e econômicas do planeta. A proposta é fundamentada no método transdisciplinar de ensino, no qual, basicamente, o aluno aprende a partir de uma justaposição de conhecimentos, sendo assim, o estudo apreciado do ponto de vista de múltiplas disciplinas.

A Escola trabalha com a metodologia da construção do conhecimento da criança feita a partir de uma visão holística de aprendizado que se dá na vivência e na prática no cotidiano. É por esse motivo que existe, na metodologia aplicada ao programa do projeto, laboratórios e diversos espaços que valorizam o contato da criança com o ser humano e com a natureza, a vivência sensorial (percepção, visão, tato, olfato) e a ação no ato de conhecer. O programa curricular envolve atividades como música, teatro, artesanato, artes plásticas e trabalho de corpo, promovendo, assim, o aprendizado transdisciplinar, sempre interligando o fazer, o sentir e o pensar.

O principal objetivo da Escola VILA é trabalhar os valores humanos, a consciência ecológica, a cidadania e a cultura

de paz, tornando as crianças conscientes da responsabilidade de suas atitudes para com o planeta Terra.

O Berçário e Escola de Educação Infantil VILA – Sede Aldeota apresenta-se como uma instituição privada de ensino, que atende a crianças de zero a seis anos de idade, com serviços de berçário e Ensino Infantil completo. O projeto está de acordo com as normas e com a legislação vigente do município de Fortaleza.

4.3. Localização

4.3.1. A Zona

De acordo com a Lei complementar no. 062, de 02 de fevereiro de 2009, que institui o Plano Diretor Participativo do Município de Fortaleza, o terreno escolhido está situado na denominada Zona de Ocupação Consolidada (ZOC). (Figura 02).

De acordo com o Plano Diretor Participativo (2009), são parâmetros da ZOC:

- I – Índice de aproveitamento básico: 2,5;
- II – Índice de aproveitamento máximo: 2,5;
- III – Índice de aproveitamento mínimo: 0,2;
- IV – Taxa de permeabilidade: 30%;
- V – Taxa de ocupação: 60%;
- VI – Taxa de ocupação de subsolo: 60%;

- VII – Altura máxima da edificação: 72m;
- VIII – Área mínima de lote: 125m²;
- IX – Testada mínima de lote: 5m;
- X – Profundidade mínima do lote: 25m.

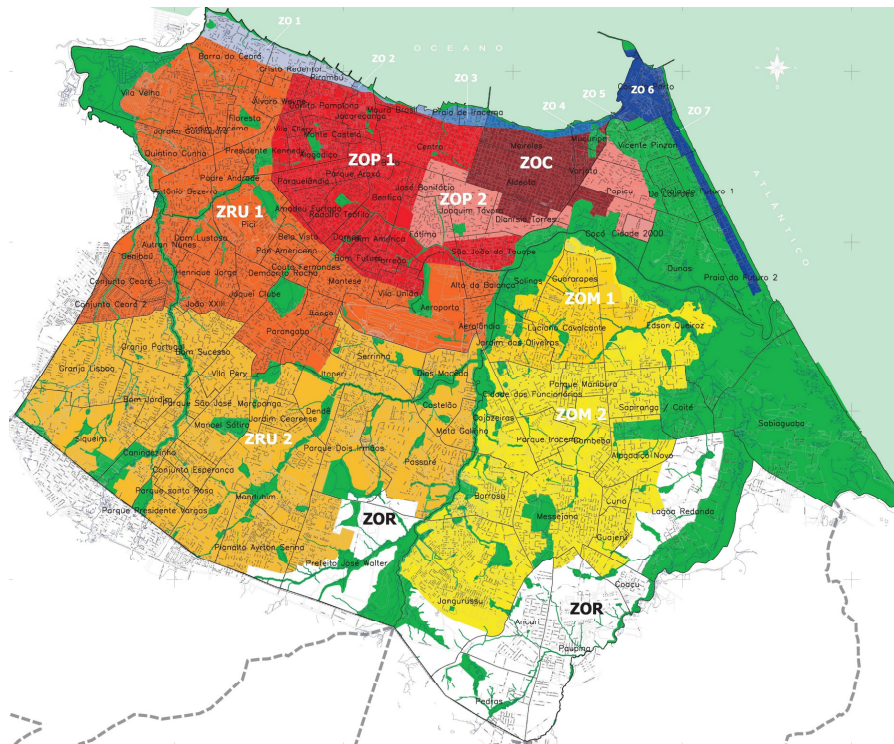


Figura 02 - Mapa do zoneamento do Município de Fortaleza.
(Fonte: PDP-FOR, 2009).

A ZOC é considerada uma zona de grande adensamento populacional. E é por esse principal motivo que o terreno do Berçário e Escola de Educação Infantil VILA – Sede Aldeota foi escolhido nesta área, para atender à grande população que reside neste ou próximo a este local.

4.3.2. O Bairro

A escola está situada no bairro Aldeota. Localizado na zona norte da cidade (Figura 03), tendo como limites a leste a Rua Frei Mansueto e Via Expressa, a oeste a Rua João Cordeiro, a norte a Rua Pereira Filgueiras e Avenida Dom Luís e ao sul as Ruas Beni de Carvalho e Padre Valdevino, o bairro Aldeota é considerado um local ideal para a implantação da escola, pois é considerado um bairro populoso da cidade de Fortaleza.



Figura 03 – Demarcação do bairro Aldeota na cidade de Fortaleza.
(Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Aldeota_\(Fortaleza\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Aldeota_(Fortaleza)), 2010).

Pela proximidade e pelo acesso, a Escola poderá também abastecer a outros bairros da cidade, como Centro, Dionísio Torres, Joaquim Távora, Meireles e Praia de Iracema. (Figura 04).



Figura 04 – Quadra do Terreno e Bairros Próximos. (Fonte: Google Earth, 2010).

Além disso, alguns aspectos foram considerados para a escolha da localização desta instituição de educação infantil. Dentre eles, pode-se destacar, principalmente: a facilidade de acesso por parte da população a ser atendida, pois o local é próximo a zonas residenciais e/ou de trabalho da região e a disponibilidade de infra-estrutura básica, pois o bairro Aldeota é abastecido com saneamento básico, rede elétrica, rede telefônica, transporte coletivo, etc.

A Escola será destinada ao grupo de classe média alta, e, por esse motivo também, está inserida neste bairro, pois é considerado um bairro nobre da cidade de Fortaleza.

4.4. Parâmetros Urbanísticos – Análise do Terreno

O terreno escolhido possui uma área aproximada de 6.000m². Ele é delimitado a oeste pela Rua Monsenhor Bruno, ao sul pela Rua Eduardo Salgado, a norte pela Avenida Santos Dumont, e, a leste, por três equipamentos: a Igreja Irmãs Missionárias Jesus Crucificado, o prédio da FUNCEME (Fundação Cearense de Meteorologia) e Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior do Estado do Ceará, e um ponto de venda da rede de serviço rápido de alimentação, *McDonalds*. (Figura 05).

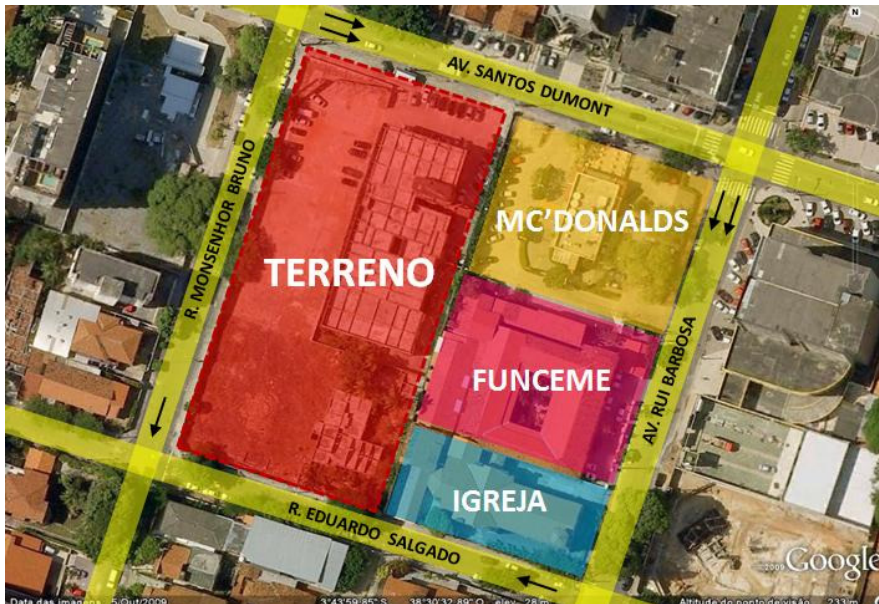


Figura 05 – Terreno e delimitações. (Fonte: Google Earth, 2010).

O terreno possui, de acordo com a Lei de Uso e Ocupação do Solo (1996), três frentes e uma lateral. Por o terreno localizar-se em uma via arterial e a edificação ser da classe PGT1 do subgrupo “Educação”, inscrito na LUOS (1996), os recuos da edificação proposta deverão ser de, no mínimo, dez metros nas frentes e dez metros na lateral. O formato do terreno é regular e a sua topografia é pouco acidentada. Ele é atendido por vias de fácil acesso que estão equipadas com boa pavimentação. O passeio

que o circunda encontra-se em condições regulares de uso. (Figuras 06, 07, 08, 09, 10 e 11).

O equipamento será implantado de forma a não contribuir com o influxo do trânsito. Para isso, a entrada de carros será incluída dentro da propriedade. Essa preocupação é existente, pois a Av. Santos Dumont é uma via de intensa movimentação de automóveis durante a maior parte do dia.

Atualmente, o terreno encontra-se praticamente abandonado: ele abriga uma edificação na qual funcionava o antigo Centro de Fisioterapia de Fortaleza, que está desativado; uma outra edificação, que parece ter sido uma residência unifamiliar, que encontra-se bastante deteriorada e está abandonada, e uma outra parte do terreno, está limpo, parcialmente deteriorado, e funciona como estacionamento de carros improvisado.

A seguir, exponho o resultado do levantamento e análise do terreno escolhido, feito a partir do Roteiro Básico retirado do *Manual de Arquitetura Paisagística* (2007, p. 176):

4.4.1. Aspectos Naturais

Relevo

- O terreno é praticamente plano, apresentando somente duas curvas de nível em sua extensão norte-sul.



Figura 06 – Vista externa do Terreno – Av. Santos Dumont eq. Rua Monsenhor Bruno. (Fonte: Arquivo Pessoal, 2010).



Figura 07 – Vista externa do Terreno – Rua Monsenhor Bruno eq. Rua Eduardo Salgado. (Fonte: Arquivo Pessoal, 2010).



Figura 08 – Vista interna do Terreno – Sentido Norte. (Fonte: Arquivo Pessoal, 2010).



Figura 09 – Vista interna do Terreno (Edificação a ser demolida) – Sentido Leste. (Fonte: Arquivo Pessoal, 2010).



Figura 10 – Vista interna do Terreno – Sentido Sul. (Fonte: Arquivo Pessoal, 2010).



Figura 11 – Vista interna do Terreno – Sentido Oeste. (Fonte: Arquivo Pessoal, 2010).

Hidrografia

- O terreno não possui zonas de alagamento.

Vegetação

- Não há nenhuma vegetação considerável em seu interior. A vegetação que existe lá é rasteira, e é decorrente do abandono e do descaso por parte dos proprietários.

Clima

- A área do terreno é ventilada e, em partes, sombreada. Futuramente será mais sombreada, pois, em frente, na Rua Monsenhor Bruno, está prevista a construção de um edifício residencial multifamiliar.

Poluição

- Detecta-se, dentro do terreno, alguma poluição sonora vinda do movimento de carros na Av. Santos Dumont. Percebe-se na região, também, um pouco de poluição visual, por conta dos *outdoors* espalhados nas avenidas próximas.

4.4.2. Solo Urbano

Uso

- O uso do entorno é bem variado: residencial unifamiliar e multifamiliar, comércio, serviços, misto, institucional e de domínio público. (Figura 12).

4.4.3. Aspectos Históricos e Culturais

Patrimônio Material

- Os palacetes da Praça Luiza Távora (1937), projetados e construídos pelo arquiteto Emílio Hinko, não são tombados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), mas têm em si um valor próprio e expressivo que levam identidade e cultura aos habitantes do bairro Aldeota. Além disso, vizinho ao terreno, a Igreja Irmãs Missionárias Jesus Crucificado (1941), também é obra de Emílio Hinko. (NIREZ, 2005).

Arquitetura Predominante

- A arquitetura predominante da região é a arquitetura moderna das décadas de 1970 e 1980, evoluindo para a arquitetura contemporânea dos dias atuais.

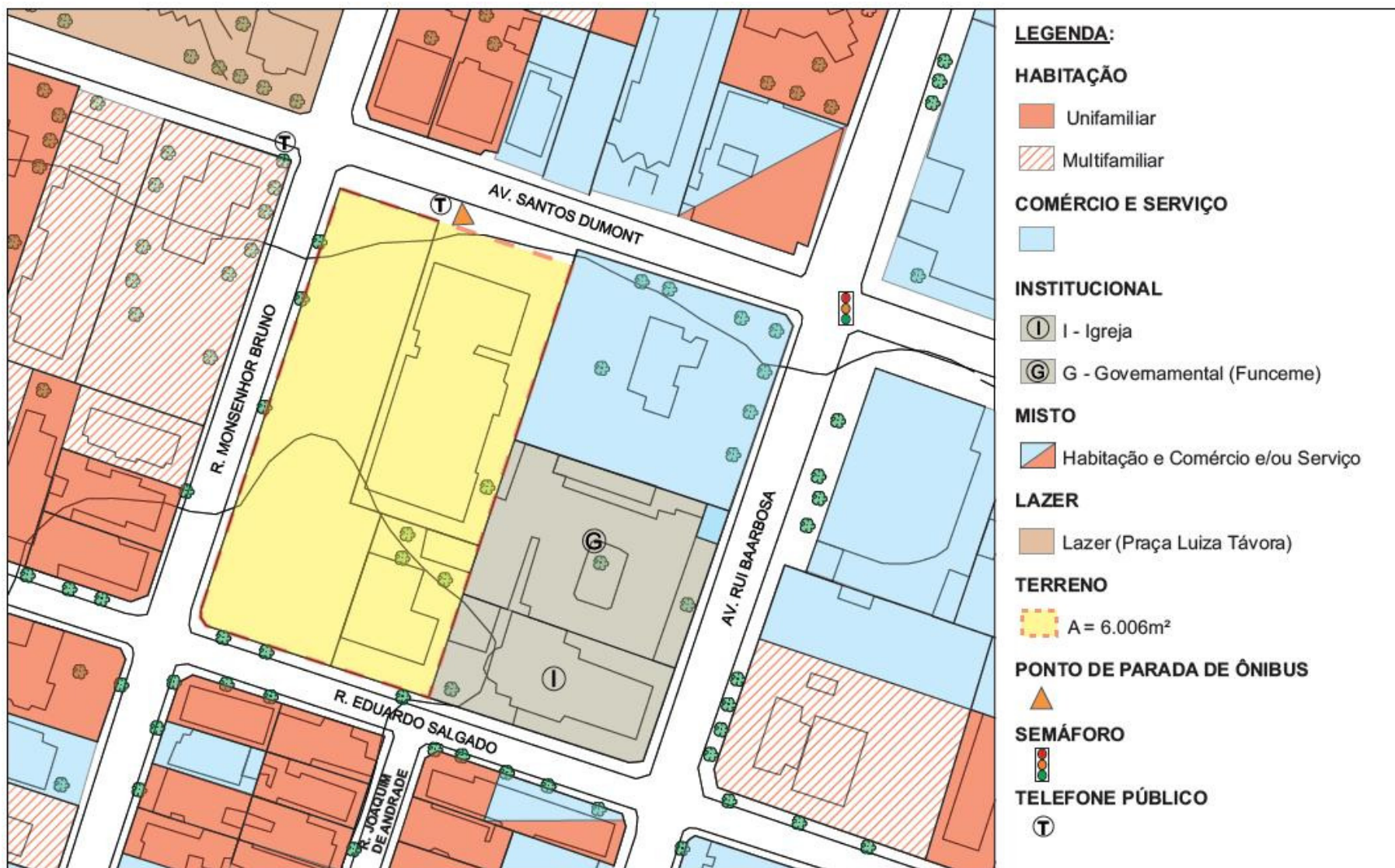


Figura 12 – Análise Urbanística: uso do solo em torno do terreno.

Valores Cênicos

- Considero o terreno um local privilegiado pela visão da arquitetura barroca romana de Emílio Hinko.

Manifestações Artísticas, Culturais e Esportivas

- Manifestações Artísticas, culturais e esportivas podem ser conferidas próximas ao terreno da Escola, na Praça Luiza Távora.

4.4.4. Infra-estrutura e Serviços Urbanos

Básicos

- O local é abastecido de água, esgoto, energia elétrica, iluminação pública, rede de telefone público e domiciliar, coleta de lixo, sistema de drenagem, sistema viário e transporte público (ônibus).

Sociais

- Há, na proximidade do terreno, um posto de saúde no bairro Meireles (Centro de Saúde Meireles) e cinco hospitais no bairro Aldeota (Hospital Geral de Fortaleza, Hospital Antônio

Prudente, Hospital Residence, Hospital Batista e Hospital Monte Klinikum).

- Há, na proximidade, também, algumas escolas. Destacam-se: o Colégio Christus, o Colégio Militar, o Instituto Educacional O Canarinho, a Creche Escola Mundo da Fantasia, o Instituto Educacional Girassol e alguns cursos de Inglês.
- Na Avenida Santos Dumont, bem próximo ao terreno, há uma agência dos correios (ACF Rui Barbosa).
- Vizinho ao terreno localiza-se uma Igreja (Igreja Irmãs Missionárias Jesus Crucificado).
- Artesanato, cultura e lazer podem ser conferidos também muito próximos ao terreno, na Praça Luíza Távora, onde se encontra o CEART (Centro de Artesanato do Ceará).

4.4.5. Circulação e Áreas Livres

Vias

- Circundando o terreno, têm-se três vias: Av. Santos Dumont, Rua Monsenhor Bruno e Rua Eduardo Salgado. As ruas Monsenhor Bruno e Eduardo Salgado têm pouco fluxo de carros, enquanto a Av. Santos Dumont é bastante movimentada durante a maior parte do dia.

Pavimentação

- A pavimentação das ruas que circundam o terreno é do tipo asfalto e encontra-se em bom estado de uso.

Tráfego

- O volume de tráfego é intenso na av. Santos Dumont e moderado na av. Rui Barbosa. Nas ruas Monsenhor Bruno e Eduardo Salgado, detecta-se pouco tráfego de automóveis e pessoas.

Parada de Ônibus

- Há uma parada de ônibus bem próxima ao terreno, na av. Santos Dumont. (Figura 12).

4.5. Programa de Necessidades

Para elaborar o programa de necessidades do Berçário e Escola de Educação Infantil VILA – Sede Aldeota foram feitas pesquisas, visitas e entrevistas acerca do conteúdo programático da Escola, focando-se na programação do Berçário e Educação Infantil. O Programa de necessidades do Berçário e Escola de Educação Infantil VILA foi fiel ao programa da Escola VILA,

acrescentando, no entanto, alguns novos espaços a fim de ampliar e contribuir com o conceito utilizado na metodologia do Colégio.

O horário oferecido, pela Escola VILA, para Educação Infantil, é de 07h30min às 11h30min. Todas as turmas de Educação Infantil utilizam metade do seu turno no “Quintal”.

O Quintal é o espaço de convívio mais importante da Escola VILA. Trata-se de uma grande área arborizada com árvores frutíferas, onde as crianças fazem atividades dirigidas com seus professores, interação entre si e, por vezes, com alunos de outras turmas. As atividades envolvem as artes (artes plásticas, dramatização, artesanato, trabalho com sucata) e os laboratórios (horta, farmácia viva, pomar, jardim, animais, saúde e alimentação).

Na Escola de Educação Infantil VILA – Sede Aldeota, assim como na Escola VILA, as crianças terão aula de música e aula de corpo. As aulas de música evoluirão da iniciação musical no maternal até a introdução à flauta doce, na alfabetização. As aulas de corpo iniciam-se com trabalhos de psicomotricidade, posturas de yoga, massagem e auto-massagem (shiatsu e do-in) e tai-chi.

O lanche será sempre oferecido pela Escola, sendo um cardápio natural, elaborado por uma nutricionista.

A fim de envolver toda essa programação, foi elaborado um programa de necessidades. Ele é mostrado a seguir:

1. Recepção Principal

AMBIENTES	ÁREA/UNIDADE (M ²)	Nº DE UNIDADES	ÁREA TOTAL (M ²)
1.1. Recepção Principal (Entrada / Saída da Escola e Berçário)	58,20	1	58,20

ÁREA TOTAL (Recepção Principal): 58,20m²

2. Berçário

AMBIENTES	ÁREA/UNIDADE (M ²)	Nº DE UNIDADES	ÁREA TOTAL (M ²)
2.1. Recepção do Berçário	34,00	1	34,00
2.2. Sala de Atividades Psicomotoras	31,15	1	31,15
2.3. Lactário	10,60	1	10,60
2.4. Fraldário	10,85	1	10,85
2.5. Sala de Repouso I	35,00	1	35,00
2.6. Sala de Repouso II	54,00	1	54,00
2.7. Solário	43,00	1	43,00
2.8. Sanitários (Adulto)	11,80	1	11,80

ÁREA TOTAL (Berçário): 230,40m²

3. Administração

AMBIENTES	ÁREA/UNIDADE (M ²)	Nº DE UNIDADES	ÁREA TOTAL (M ²)
3.1. Recepção da Administração	40,60	1	40,60
3.2. Secretaria	10,80	1	10,80
3.3. Tesouraria	9,15	1	9,15
3.4. Almojarifado	7,60	1	7,60
3.5. Sala do Diretor	13,85	1	13,85
3.6. Sala de Reuniões (10 pessoas)	14,90	1	14,90
3.7. Copa	3,00	1	3,00
3.8. Sanitários (Adulto)	5,10	2	10,20
3.9. Hall (Entrada / Saída da Circulação Vertical)	21,60	1	21,60

ÁREA TOTAL (Administração): 131,70m²

4. Apoio Pedagógico

AMBIENTES	ÁREA/UNIDADE (M ²)	Nº DE UNIDADES	ÁREA TOTAL (M ²)
4.1. Recepção do Apoio Pedagógico	17,25	1	17,25
4.2. Sala de Orientação Educacional	21,40	1	21,40

AMBIENTES	ÁREA/UNIDADE (M ²)	Nº DE UNIDADES	ÁREA TOTAL (M ²)
4.3. Sala dos Professores	37,90	1	37,90
4.4. Coordenação	12,60	2	25,20
4.5. Sala do Nutricionista	17,70	1	17,70
4.6. Sala do Psicólogo	24,90	1	24,90
4.7. Enfermaria	14,20	1	14,20
4.8. Copa	6,50	1	6,50
4.9. Sanitários (Adulto)	8,30	2	16,60

ÁREA TOTAL (Apoio Pedagógico): 181,65m²

5. Setor de Ensino

AMBIENTES	ÁREA/UNIDADE (M ²)	Nº DE UNIDADES	ÁREA TOTAL (M ²)
5.1. Sala de Aula – Infantil I (0 a 3 anos)	27,70	8	221,60
5.2. Sala de Aula – Infantil II (3 a 6 anos)	27,70	8	221,60
5.3. Varandas	35,00	4	140,00
5.4. Biblioteca	35,00	1	35,00
5.5. Sala de Leitura	19,25	1	19,25
5.6. Sala de Meditação	31,75	1	31,75

AMBIENTES	ÁREA/UNIDADE (M ²)	Nº DE UNIDADES	ÁREA TOTAL (M ²)
5.7. Sala de Música	28,40	1	28,40
5.8. Sala de Vídeo	20,25	1	20,25
5.9. Sanitários (Adulto)	13,35	2	26,70

ÁREA TOTAL (Setor de Ensino): 744,55m²

6. Setor de Vivência I (Quintal)

AMBIENTES	ÁREA/UNIDADE (M ²)	Nº DE UNIDADES	ÁREA TOTAL (M ²)
6.1. “Cantinho” da Saúde e Alimentação	19,40	1	19,40
6.2. “Cantinho” do Artesanato	19,40	1	19,40
6.3. “Cantinho” da Sucata	19,40	1	19,40
6.4. “Cantinho” das Artes Plásticas	19,40	1	19,40
6.5. “Cantinho” das Artes Cênicas	19,40	1	19,40
6.6. Viveiro (Animais Pequenos)	34,00	1	34,00
6.7. Área Externa	119,86	1	119,86

ÁREA TOTAL (Setor de Vivência I): 250,86m²

7. Setor de Vivência II (Áreas Verdes e Demais Áreas)

AMBIENTES	ÁREA/UNIDADE (M ²)	Nº DE UNIDADES	ÁREA TOTAL (M ²)
7.1. Refeitório	76,50	1	76,50
7.2. Laboratório ao Ar Livre - Horta	30,00	1	30,00
7.3. Laboratório ao Ar Livre – Farmácia Viva	20,00	1	20,00
7.4. Laboratório ao Ar livre – Pomar / Jardim	150,00	1	150,00
7.5. Playground	217,45	1	217,45
7.6. Pátio Coberto	212,60	1	212,60
7.7. Pátio Descoberto	347,00	1	347,00
7.8. Anfiteatro	110,00	1	110,00

ÁREA TOTAL (Setor de Vivência II): 1163,55m²

8. Serviços

AMBIENTES	ÁREA/UNIDADE (M ²)	Nº DE UNIDADES	ÁREA TOTAL (M ²)
8.1. Cozinha	24,25	1	24,25
8.2. Despensa	9,85	1	9,85
8.3. Zeladoria	7,85	1	7,85

AMBIENTES	ÁREA/UNIDADE (M ²)	Nº DE UNIDADES	ÁREA TOTAL (M ²)
8.4. D.M.L.	4,65	1	4,65
8.5. Depósito de Lixo	4,65	1	4,65
8.6. Monta Carga / Circulação Vertical (Serviços)	5,90	1	5,90
8.7. Sanitários / Vestiários	9,90	2	19,80

ÁREA TOTAL (Serviços): 76,95m²

9. Subsolo

AMBIENTES	ÁREA/UNIDADE (M ²)	Nº DE UNIDADES	ÁREA TOTAL (M ²)
9.1. Oficinas I e II	7,85	2	15,70
9.2. Oficina III	9,75	1	9,75
9.3. Monta Carga / Circulação Vertical (Serviços)	5,90	1	5,90
9.4. Pátio de Carga e Descarga	65,00	1	65,00
9.5. Controle de Func. e Materiais	13,75	1	13,75
9.6. Hall (Entrada / Saída da Circulação Vertical)	24,60	1	24,60
9.7. Estacionamento	2.108,00	1	2.108,00

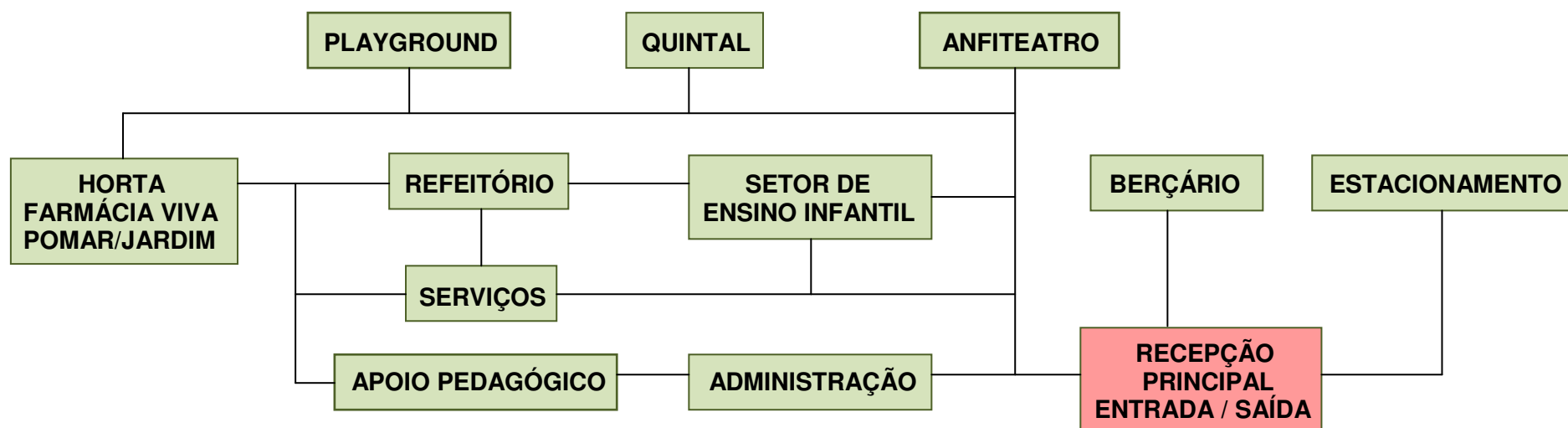
ÁREA TOTAL (Subsolo): 2.242,70m²

10. Estacionamento Térreo

AMBIENTES	ÁREA/UNIDADE (M ²)	Nº DE UNIDADES	ÁREA TOTAL (M ²)
10.1. Guarita	6,40	1	6,40
10.2. Sanitário da Guarita	2,00	1	2,00
10.3. Estacionamento I	184,07	1	184,07
10.4. Estacionamento II	281,43	1	281,43

ÁREA TOTAL (Estacionamento Térreo): 473,90m²

4.6. Fluxograma



4.7. O Projeto Arquitetônico

4.7.1. Partido Arquitetônico e Implantação

Antes de se pensar o partido, organizou-se o fluxograma para que os elementos obrigatórios do projeto e suas respectivas áreas estivessem devidamente conectados, com fluxo de circulação coerente e viável. O fluxograma auxiliou muito na elaboração dos primeiros croquis, para que houvesse plena obediência ao programa proposto.

Além disso, a preocupação em evitar congestionamento no trânsito local foi um ponto crucial para o estudo do partido arquitetônico. Desta forma, o acesso principal da Escola foi criado na extremidade do terreno e interno a ele, na esquina das ruas Monsenhor Bruno e Eduardo Salgado. Esse posicionamento privilegia a confluência das ruas, permitindo que as duas entradas de carro tenham apenas uma saída.

Outro fator que foi importante no estudo da implantação (Figura 13) foi a moderada poluição atmosférica e sonora vinda da Av. Santos Dumont. Sabe-se que as árvores têm considerável potencial de remoção de partículas e gases poluentes da atmosfera. E que também a presença das mesmas reduz os níveis de poluição sonora, ao impedir que os ruídos e barulhos fiquem refletindo continuamente nas paredes das edificações, ou seja, as

árvores e suas folhas contribuem para absorver a energia sonora, fazendo com que os sons emitidos desapareçam rapidamente. Por isso, a área verde da Escola está implantada próxima à Av. Santos Dumont, minimizando, assim, os seus efeitos poluentes.

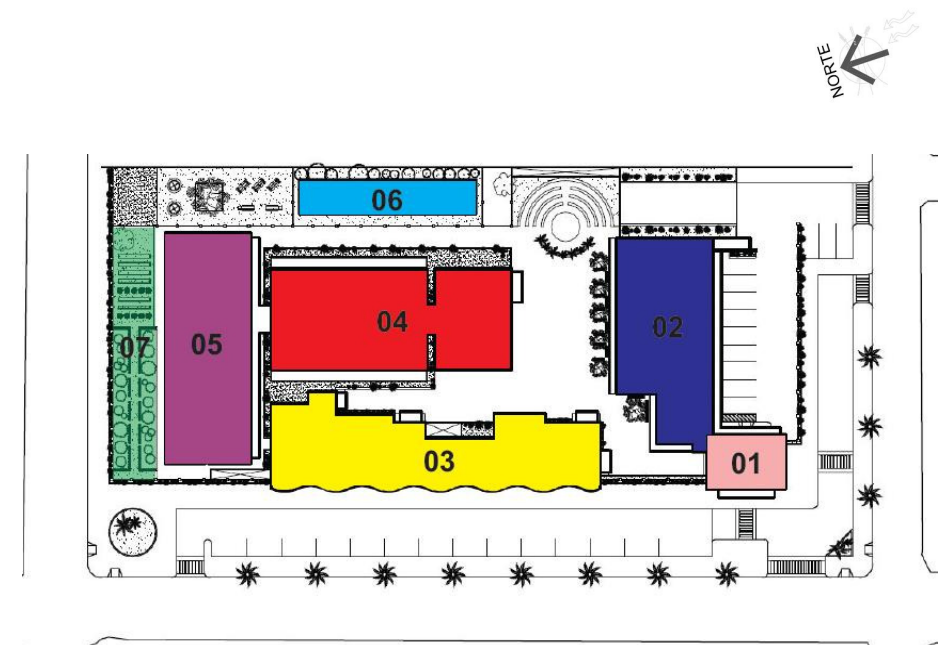


Figura 13 – Implantação.

- | | |
|---|--|
| 01 – Recepção Principal (Entrada/Saída) | 05 – Ensino II, Serviços e Refeitório |
| 02 – Berçário | 06 – “Cantinhos” |
| 03 – Administração e Apoio Pedagógico | 07 – Horta, Farmácia Viva, Pomar e Jardim. |
| 04 – Ensino I | |

4.7.2. O Conjunto Edificado

O programa foi dividido em blocos e áreas livres, conforme a função a que se destinam.

O bloco do Berçário está isolado da Escola, interligado apenas à Recepção Principal (Entrada / Saída), que por sua vez está interligada ao Estacionamento interno e ao acesso principal. (Figura 14). O bloco foi implantado na parte sul do terreno, e foi isolado da Escola propositadamente, a fim de manter uma independência funcional.

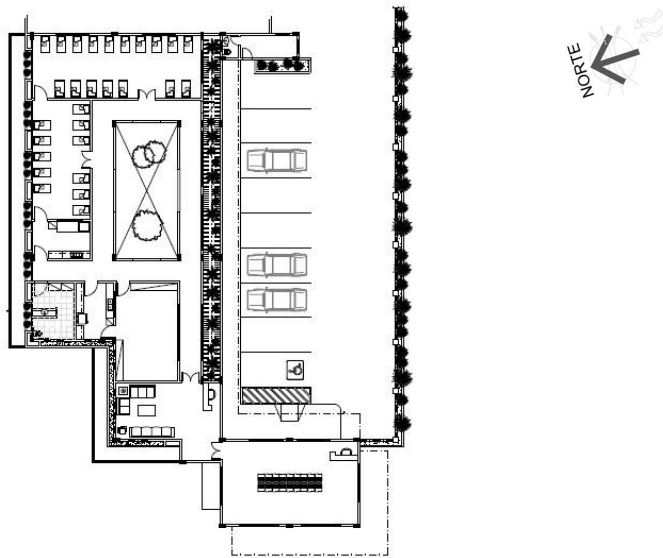


Figura 14 – Planta Baixa - Bloco do Berçário, Recepção Principal e Estacionamento interno.

O bloco da Administração e Apoio Pedagógico localiza-se na parte oeste do terreno e está bem próximo à recepção principal. (Figura 15). Ele conecta-se à Escola pela Enfermaria, pela Recepção da Administração e pela Recepção do Apoio Pedagógico. Há, Internamente a esse bloco, uma circulação vertical que faz ligação com o subsolo.

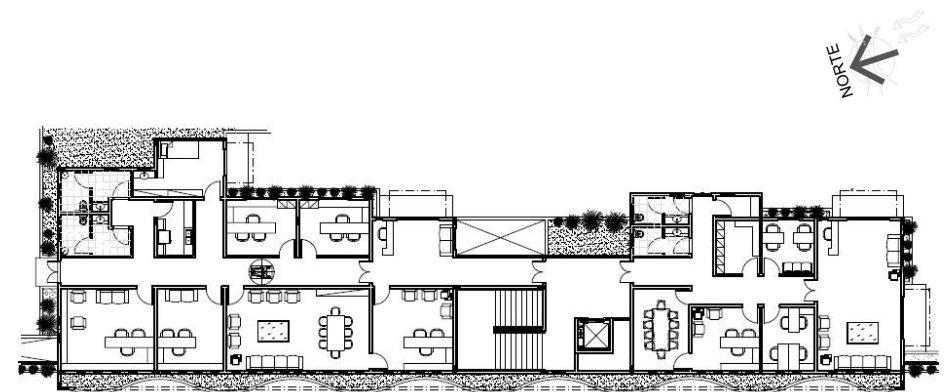


Figura 15 – Planta Baixa - Bloco do Berçário, Recepção Principal e Estacionamento interno.

O bloco do Ensino I está na parte central do terreno e é o único que possui pavimento superior e pilotis. Nele concentra-se as salas de aula do Infantil I (crianças de 0 a 3 anos) e do Infantil II (crianças de 3 a 6 anos), sendo o pavimento térreo destinado ao Infantil I e o pavimento superior ao Infantil II. O pilotis funciona como o pátio coberto da Escola. O pavimento superior possui a

mesma estrutura de salas de aula do pavimento térreo, a única diferença é que no pavimento superior há uma biblioteca e uma sala de estudos. (Figura 16 e 17).

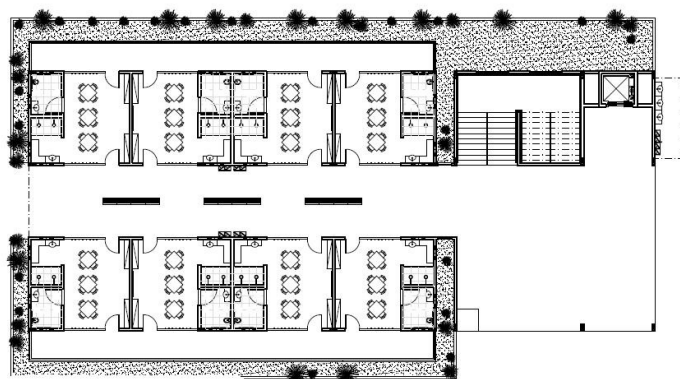


Figura 16 – Planta Baixa – Bloco do Ensino I – Pav. Térreo.

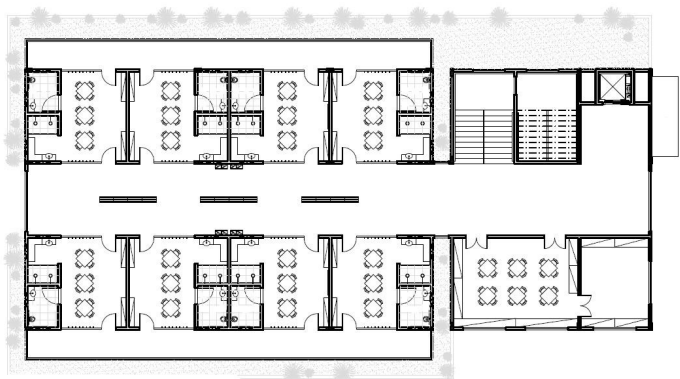


Figura 17 – Planta Baixa – Bloco do Ensino I – Pav. Superior.

O bloco do Ensino II, Serviços e Refeitório localiza-se na parte norte do terreno e está próximo ao Ensino I, ao Playground, à Horta, à Farmácia Viva, ao Pomar e ao Jardim. Nele, concentram-se as salas de música, de vídeo, de meditação, os banheiros, assim como toda a parte de serviços da Escola, e o refeitório. O ala de serviços é separada do ensino por uma área vazada, coberta somente por pergolados. (Figura 18).

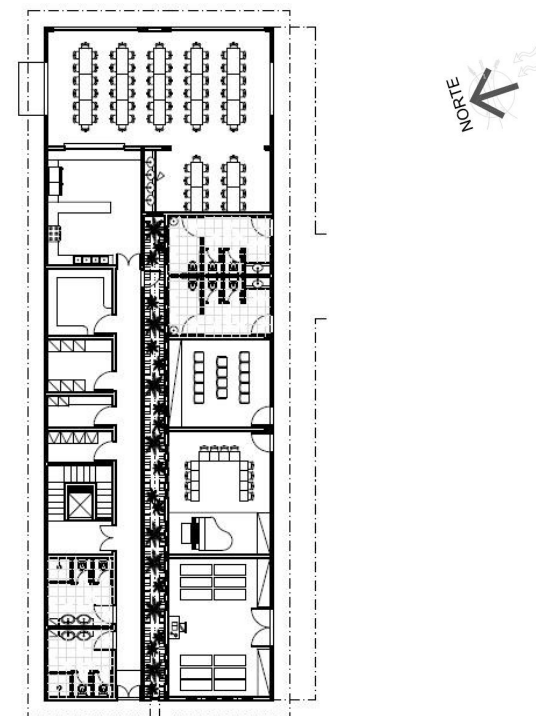


Figura 18 – Planta Baixa – Bloco do Ensino II, Serviços e Refeitório.

Os “Cantinhos” estão localizados na parte leste do terreno e inseridos no Quintal. Foram projetados cinco “cantinhos”: “Cantinho” da Saúde e Alimentação, “Cantinho” da Sucata, “Cantinho” das Artes Plásticas, “Cantinho” do Artesanato e “Cantinho” das Artes Cênicas. (Figura 19). Nesses “cantinhos”, as crianças terão aulas práticas e conviverão umas com as outras, independente de série e/ou idade, como propõe a filosofia da Escola VILA.

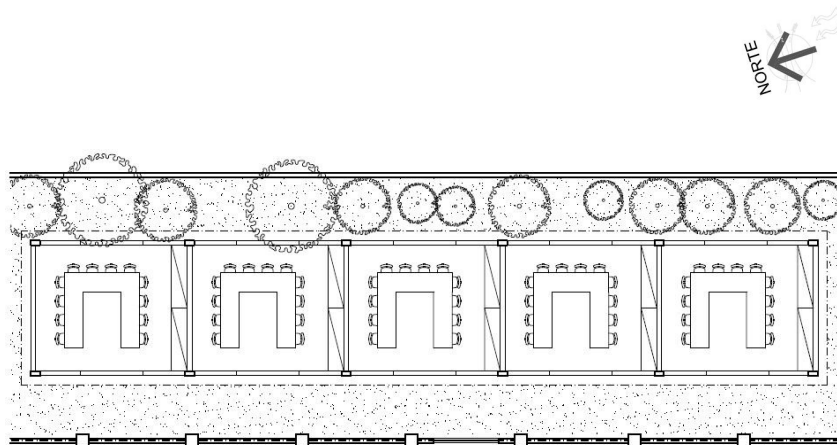


Figura 19 – Planta Baixa – “Cantinhos”.

4.7.3. Sistemas Estruturais

No projeto, foram utilizados três métodos construtivos distintos.

Para a cobertura dos blocos da Recepção Principal (Entrada / Saída), do Berçário, da Administração e Apoio Pedagógico e do Ensino I, fez-se o uso da laje nervurada impermeabilizada. (Figura 20).

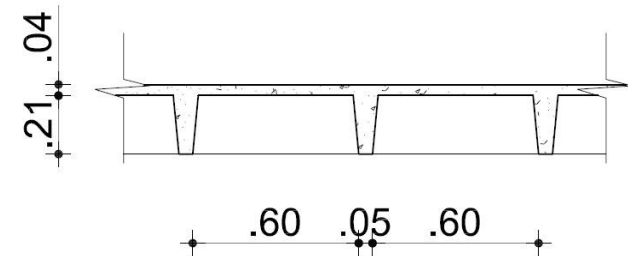


Figura 20 – Laje nervurada impermeabilizada em corte.

No bloco do Ensino II, Serviços e Refeitório usou-se, para a cobertura, laje nervurada e cobertura de telha cerâmica ($i = 25\%$).

Nos “cantinhos”, foi utilizada para a cobertura somente a palha de carnaúba ($i = 100\%$), enaltecendo, pois, no quintal, um aspecto da arquitetura regional cearense.

Os pilares utilizados são de concreto armado, retangulares, todos com seção 15x40cm. As vigas também são de concreto armado. A maioria delas mede 70 cm de altura, e algumas medem 50 cm.

As vedações internas e externas são de tijolo cerâmico, com acabamento interno em reboco de gesso e pintura acrílica, e acabamento externo em reboco e revestimento cerâmico.

5. CONCLUSÃO

O indivíduo do século XXI está exposto a problemas cada vez mais complexos. O fato é que o ser social deste milênio, caracterizado pela era da informação, do avanço tecnológico, da capacidade de interconexão em rede e de outras propriedades que caracterizam os paradigmas que constituem essa nova era, precisa encontrar na escola seu ente social para a formação. Além de tudo, precisa encontrar um ambiente que desenvolva sua inteligência emocional, intuitiva, espiritual, social e ecológica. Esse é o real sentido do desenvolvimento humano.

A filosofia da Escola VILA focaliza-se nisso. Ela busca aspectos essenciais e básicos de uma educação abrangente. A Escola envolve o currículo obrigatório de uma escola com as questões sociais, ecológicas, tecnológicas, políticas e econômicas do planeta.

O trabalho apresentado surgiu do interesse por esta bela filosofia de ensino. O resultado é um projeto arquitetônico, um Berçário e Escola de Educação Infantil, que se adéqua aos métodos de ensino da Escola VILA.

Seria bom para a humanidade e para o planeta, se houvesse mais escolas como a Escola VILA. O meu grande incentivo, desde o início, foi estar contribuindo para a concepção de

um projeto que envolve, em sua proposta, um caráter grandioso, a verdadeira educação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, Ricardo Figueiredo. *Manual de Arquitetura Paisagística*. 6ª Edição. Fortaleza: [s.e.], 2007.
- BRASIL. FUNDESCOLA. Espaços Educativos. Ensino Fundamental. *Subsídios para Elaboração de Projetos e Adequação de Edificações escolares: Volume 1*. Brasília: MEC, 2002.
- BRASIL. FUNDESCOLA. Espaços Educativos. Ensino Fundamental. *Subsídios para Elaboração de Projetos e Adequação de Edificações escolares: Volume 2*. Brasília: MEC, 2002.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil: Encarte 1*. Brasília: MEC, 2006.
- DECRETO Nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004 apud MONTENEGRO, Nadja G.S. Dutra; SANTIAGO, Zilsa Maria Pinto; SOUSA, Valdemice Costa de. *Guia de Acessibilidade: Espaço Público e Edificações*. 1ª Edição. Fortaleza: SEINFRA-CE, 2009.
- DEWEY, John. *Experiência e Educação*. 3ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- DI GIORGI, Cristiano. *Escola Nova*. 3ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- INSTITUTO DE PLANEJAMENTO DO MUNICÍPIO. *Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS)*, Fortaleza, 1996.
- LIMAVERDE, Fátima. *Escola VILA Construindo um Mundo Melhor: Uma Experiência em Educação Holística*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 1999.
- LOURENÇO FILHO, M. B. *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1978 apud DI GIORGI, Cristiano. *Escola Nova*. 3ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- MONTENEGRO, Nadja G.S. Dutra; SANTIAGO, Zilsa Maria Pinto; SOUSA, Valdemice Costa de. *Guia de Acessibilidade: Espaço Público e Edificações*. 1ª Edição. Fortaleza: SEINFRA-CE, 2009.
- MORAES, Maria Cândida. *O Paradigma Educacional Emergente*. 12ª Edição. Campinas: Papirus, 1997 apud NASCIMENTO, Patrícia Limaverde. *Educação Bio-sustentável, Eco-sistêmica e Transdisciplinar: Uma prática da Escola Vila*. 1ª. Edição. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008.
- NASCIMENTO, Patrícia Limaverde. *Educação Bio-sustentável, Eco-sistêmica e Transdisciplinar: Uma prática da Escola Vila*. 1ª. Edição. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008.
- NEUFERT, Ernst. *Arte de Projetar*. 7ª Edição. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 1980.
- PILETTI, Nelson. *História da Educação no Brasil*. 7ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. *Código de Obras e Posturas do Município de Fortaleza*, 1982.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. *Plano Diretor Participativo (PDP-FOR)*, 2009.

SOMMERMAN, Américo. *Formação e transdisciplinaridade: uma pesquisa sobre emergências formativas do CETRANS*. São Paulo: Universidade Nova de Lisboa e Université François Rabelais de Tours, 2003. 353 p. Dissertação – Programa de Ciências da Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e Département des Sciences de l'Éducation et de la Formation de Université François Rabelais de Tours, Lisboa, 2003 apud NASCIMENTO, Patrícia Limaverde. *Educação Bio-sustentável, Eco-sistêmica e Transdisciplinar: Uma prática da Escola Vila*. 1ª. Edição. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008.

Meio Eletrônico:

FERREIRA, Helena. *A Escola Tradicional x Escola Crítica e as Novas Perspectivas da Educação*. Nova Serrana (MG), 2008. Disponível em: <<http://helenaferreira2008.blogspot.com>> Acesso em: 15 mar. 2010.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS. *A Educação Infantil no Brasil 1994 – 2001. Coleção Estudos da Cidade*, Rio de Janeiro, n. 36, Outubro de 2001. Disponível em: <<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br>> Acesso em: 01 maio 2010.

LEÃO, Denise Maria Maciel. *Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista*. 1999. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – FAGED-UFC, Fortaleza, 1996. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>> Acesso em: 12 mar. 2010.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *A educação no Brasil. Portal Domínio Público – Biblioteca digital desenvolvida em*

software livre, [2000?]. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>> Acesso em: 10 mar. 2010.

MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986 apud LEÃO, Denise Maria Maciel. *Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista*. 1999. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – FAGED-UFC, Fortaleza, 1996. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>> Acesso em: 12 mar. 2010.

NIREZ, Miguel Ângelo de Azevedo. *Cronologia Ilustrada de Fortaleza*. Portal da História do Ceará, Fortaleza, 2005. Disponível em: <<http://www.ceara.pro.br>> Acesso em: 21 maio 2010.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. *A História da Educação Infantil no Brasil: Retrocessos e Desafios dessa Modalidade Educacional*. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, n. 33; p. 78 – 95, março de 2009. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br>> Acesso em: 01 maio 2010.

RAMALHO, Priscila. *John Dewey*. 2008. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br>> Acesso em: 15 mar. 2010.

ROSA, Paulo Ricardo da Silva Rosa. *A Epistemologia Genética de Piaget e o Construtivismo*. Plano de Ensino (Disciplina: Instrumentação para o ensino de Física), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Cidade Universitária de Dourados, 2005. Disponível em: <<http://fisica.uems.br>> Acesso em: 10 maio 2010.

THEOPHILO, Roque. *A Transdisciplinaridade e a Modernidade*. 2000. Disponível em: <<http://www.sociologia.org.br/tex/ap40.htm>> Acesso em: 12 mar. 2010.

7. MAQUETE ELETRÔNICA E DESENHOS











